

VENTANIA

PRIMEIRO

%%%%%%%%%

A C T O

%%%%%%%%

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO ACTO
Um interior de um quarto.

Em cena, há apenas uma personagem: CHICO - que está sentado na soleira da porta, com as pernas cruzadas. CHICO, cuja idade oscila entre os vinte-e-cinco e os trinta anos, é um rapaz física e mentalmente atrasado. Insignificante de corpo, ingênuo de espírito - mas não (frise-se bem) apatetado nem idiota. Vive a vida como uma aventura maravilhosa, num estado quâsi permanente de semi-inconsciência que todavia nunca chega a descambar no ridículo. Esse estado semi-inconsciente sofre, por vezes, dolorosas rupturas - e quando, então, CHICO adquire a plena consciência das coisas e dos factos que o rodeiam, não é mais do que uma pobre criatura que sofre em todo o seu ser. Mas logo depois torna ao seu mundo - e volta a ser aquêlê CHICO que vive a sonhar de olhos abertos e alheios para tudo o que não é o seu sonho. É - digamos - uma criança sôbre quem os anos fôram passando e continuou, por um milagroso esquecimento do tempo, a ser criança. Muito cêdo órfão de pai e mãe, foi recolhido pelos vêlhos moleiros, que o tomaram sob a sua protecção - e agora é como se fôsse um irmão mais novo dos três filhos dos moleiros. Dêstes três filhos, um - o mais vêlho, António - toma conta do moínho, desde que o pai morreu. E CHICO ajuda-o nêsse trabalho.

7) ~~ADRIÃO~~ Entretanto, sentem-se fora passos que se aproximam. CHICO, porém, - de tão atento que está ao seu trabalho de separar as flôres - não dá por nada. Logo se ouve fora uma voz de homem, que grita: "Aííí!..." - um "ai!..." muito prolongado, manifestamente dirigido a um burro. E os passos cessam. Nem mesmo assim CHICO desviou a atenção do seu trabalho; parece nem sequer ter ouvido.

TI ADRIÃO - ent. E. a

(Encostando-se à umbreira da porta.) Deus te salve, Chico.
Boas-tardes.

CHICO

(Levanta rapidamente a cabeça para ver quem lhe dirige a palavra, voltando logo à sua ocupação, sem ligar a TI ADRIÃO a mais pequena importância, - enquanto resmunga por entre dentes.) 'Tardes, ti 'Drião.

TI ADRIÃO

(Sempre sorrindo, inclina-se um pouco a ver o que traz CHICO tão ocupado.) Ah, rapaz! Que 'tás tu a fazer ? Ahn ? Tão entretido que parece ~~que~~ ^{dares} nem ~~das~~ pela gente!

CHICO

(Tem um movimento desconfiado de recuo; instintivamente protege as flôres, colocando um braço à frente delas.) E que tem voce-mecê co' que eu faço ?

TI ADRIÃO

A modos que ficaste esconfiado ? (Tranquilizando-o.) Não tenhas medo, home. Eu não sou que vá roubar as tuas flôres. Mas pra que serve isso ?

CHICO

(Ainda desconfiado.) É cá comigo.

TI ADRIÃO

(Enquanto se endireita.) 'Tá bom, 'tá bom. Se não queres dizer, não digas. ~~Também ninguém te obriga.~~

CHICO

(Compreendendo que, de-facto, TI ADRIÃO lhe não quer tirar as flôres, decide-se por fim a falar.) Pois eu le digo, ti 'Drião. Não vale a pena voce-mecê ficar prái zangado por coisa tão pouca. (Outro tom - embevecido; como se estivesse a falar só para si.) É que estive há pedaço na serra a apanhar flôres - pra mór de of'recê-las à Maria -, e agora 'tou a escolher as mais lindas pra le ir dar. (Aponta as flôres que separou.) Estas. (Com um sorriso de encantamento.) Não são mesmo bonitas, ti 'Drião ? (E levanta-se para lhas mostrar.)

TI ADRIÃO

São lindas, são, rapaz. A Maria vai ficar contente.

CHICO

(Os olhos a brilhar.) Vai ? Verdade que vai ?!

TI ADRIÃO

Verdade, pois! Com flôres assim - tão lindas - não havia por í cachopa nenhuma que não ficasse contente.

CHICO

(Satisfeitíssimo.) Inda bem, ti 'Drião! Inda bem que voce-mecê

me diz isso!

TI ADRIÃO

(Em cuja voz perpassa um acento triste.) E agora pra mais co'essa maldita estiagem! Tudo sêco! (Para CHICO.) Flôres tão lindas como essas, já não deve haver muitas, não...

CHICO

'Tive a tarde inteira pràs apanhar. (~~Guardando-as nas mãos em ceneha, e contemplando-as maravilhado.~~) Mas são lindas!... (~~E baixinho, como que num murmúrio, acrescenta:~~) E a Maria vai gostar delas.. (Poisa-as sôbre o crivo, ao fundo.)

TI ADRIÃO

2º plano
(Da porta, contempla-o, sorrindo.) ~~Parece~~ *é tal qual* uma criancinha... (~~Avança pelo interior do moínho, e, mudando de tom, diz:~~) Olha lá, ó Chico. O Antônio anda por aí? *1.º 2.º - no 1.º pl.*

CHICO

(Um gesto com a cabeça para a direita.) 'Tá em casa. Ó pé da mãe.

TI ADRIÃO - *Para*

(O seu rôsto ensombra-se.) Ah, é verdade. Já não me lembrava. (E depois de uma curta pausa, acrescenta:) Tu não és capaz de ir dizer-lhe pra vir cá? Que é só por um 'stante. ~~Não o demoro. Preciso de falar co'ê.~~ *volta-se p.º Chico pelo 2.º D.*

CHICO

(De novo desconfiado.) E proque não vai vocemecê lá?

TI ADRIÃO

Não dá jeito a gente falar. Co'a *tu* mãe naquêê estado... ~~melhor~~ *de 2 planos juntos p.º a E., quasi recuando.*
~~vir-ê aqui~~ (Indo junto de CHICO, e pondo-lhe uma mão num ombro.) Vais, Chico?

CHICO

(Depois de uma hesitação.) Vou, s'senhor. (~~Rapidamente e apontando as flôres.~~) Mas vocemecê não há de mexer aqui. Ouviu, ti 'Drião?

TI ADRIÃO

(Sorrindo.) Ouvi, sim, rapaz. Anda, vai lá. (CHICO *afasta-se a porta E.* vai a sair, quando TI ADRIÃO acrescenta:) Olha...

CHICO

(Junto da porta, pára e volta-se para êle interrogativamente.) Que mais é preciso, ti 'Drião? *s/e.*

TI ADRIÃO

Já agora... Depois, quando voltares, traz aqui pra dentro êsses dois taleigos que 'tão em riba do ~~carvão~~. Não é coisa de muito pêso...

CHICO

Eu trago, ~~ti~~ ~~Adrião~~. Fique vocemecê descansado. (E desaparece, na direcção da direita.)

TI ADRIÃO - no c. sup.

(Entretanto, com uma expressão de fundo desalento.) Dois taleigos só, e inda por cima mal cheios. ~~Uma terra que todos os anos dava pra riba de dez alqueiros bem pesados. As colheitas êste ano foram ruins. O sol queimou tudo, estragou tudo. Nem uma gôta de chuva.~~ (Abandonando melancolicamente a cabeça.) Uma coisa assim!... (Vai até à porta e olha em frente - o campo imenso, todo inundado de sol. Cerra os dentes com força, e ergue um punho fechado para fora, contra o sol. Raiosamente, diz:) Maldito!... (Depois dirige-se para a escada. Senta-se num dos primeiros degraus. Lança um novo olhar para fora, e resmunga, por entre dentes:) Parece fogo!... (Tira de um dos bolsos das calças uma onça de tabaco e um livro de mortaldas. Começa a enrolar um cigarro. Depois acende-o. E deixa-o ficar pendente ao canto dos lábios. (E neste momento que surge à porta ANTÔNIO.) Durante todo o diálogo seguinte com ANTÔNIO, nunca tirará o cigarro da boca.)

→ (Como se disse, à porta surge ANTÔNIO. Atrás dêle, ao fundo, vê-se CHICO passar.

ANTÔNIO é um homem de 40 anos. Forte, espadaúdo. Sente-se - des- de que êle entra no moínho - que aquêle é o "seu mundo". De-facto, os 40 anos de ANTÔNIO pode dizer-se que decorreram todos entre o moínho e a casa, ao lado, onde vive com a mãe, o seu irmão João e Chico. Habitado a trabalhar desde pequeno, não compreende, da vida, o que não seja o trabalho. E habituado, desde sempre, ao moínho, não compreende a vida fora dêle. Longos anos de alegrias e tristezas o prendem àquelas paredes: elas fazem parte da sua vida - mais, são a sua vida.

ANTÔNIO veste calças escuras e uma camisa desbotada. Uma expressão a um tempo de cansaço e desalento paira nos seus olhos, e como que põe uma sombra na sua visão, habitualmente serena e cheia de bom-senso, das coisas.

Ao presenti-lo, TI ADRIÃO - sentado, como ficou dito, nos degraus da escada, o cigarro pendente ao canto dos lábios - volta-se. ANTÔNIO caminha na sua direcção.

→ Enquanto os dois trocam entre si as réplicas que seguem, CHICO transportará para dentro do moínho - primeiro um, depois outro - os sacos a que TI ADRIÃO se referiu. Deixa-os cair junto dos que já se encontram empilhados à extrema esquerda. E depois torna para junto das suas flôres.)

TI ADRIÃO

(Ao dar pela presença de ANTÔNIO.) Sejas lá com Deus, Antônio.

ANTÔNIO - aprox. de Ti Ad.

Ele

Deus o salve, ti Adrião. Mandou-me chamar ?

TI ADRIÃO

Mandei, sim. Não fui a tua casa porque... (Conclui com um gesto.)

ANTÓNIO

(Tristemente.) Vocemecê tem razão. Não está a casa que dê jeito conversar de negócios. (Outro tom.) E o que é que vocemecê qu'ria de mim ?

TI ADRIÃO

Olha... Trouxe-te aí uns taleigozitos com trigo. A ver se os podes moer.

ANTÓNIO

Co'êste tempo!... Parece que o vento acabou de vez, ti Adrião. Uma calmaria destas! Céu que nem uma nuvem. Limpo, limpo... (Com um acento em que perpassa algum rancor.) Limpo com'as nossas mêsas não tarda muito! Mas um homem nem sabe como há de ganhar a sua vida!

TI ADRIÃO

O dianho me leve se não é tal qual assim.

ANTÓNIO - *Vai à E.B.*

(Vai junto dos sacos que CHICO trouxe - à extrema esquerda.) São êstes ?

TI ADRIÃO

São êsses, são. Dois sacos. Uma miséria.

ANTÓNIO *Volta-se 9 E.*

Pois então sobem-se já. Ó Chico ?

CHICO

(Junto às flôres - abstractamente.) Nhôr ?...

ANTÓNIO

Vai levando êstes sacos pra riba. (CHICO dirige-se para a esquerda, pega num dos sacos e começa a caminhar com êle, na direcção da escada. ANTÓNIO, para TI ADRIÃO:) Vocemecê já os peneirou, não já, ti Adrião ? - *Chico vai à D. p. subir a esc. 9 os sacos.*

TI ADRIÃO

→ (Enquanto se levanta para dar passagem a CHICO, e se encosta à parede da extrema direita.) Já, já. Com'ô costume.

CHICO (a2)

(Ao passar em frente dêle.) Com sua l'cença, ti 'Drião.

TI ADRIÃO (a3)

Passa lá, rapaz. (CHICO sobe os degraus que conduzem ao andar de cima. Aí chegado, passa por trás das mós, e deixa cair o saco à extrema esquerda.) *e desaparece.*

ANTÔNIO

(Enquanto CHICO vai subindo a escada.) Sempre é trabalho que já fica feito. (E pega no segundo saco, aproximando-se da escada.)

TI ADRIÃO

(Senta-se no banco da extrema direita.) Só dois taleigos. Um ano assim!...

Chico aparece na en. desce uns degraus e Ant. dá-lhe o 2.º sac.
(Entretanto, CHICO - já arrumado o primeiro saco -, desceu dois ou três degraus a buscar o segundo. ANTÔNIO entrega-lho da escada. E enquanto CHICO sobe com ele - repetindo o mesmo jogo do primeiro -, ANTÔNIO diz, para TI ADRIÃO:)

ANTÔNIO *(dando o saco a Chico) Ch. desaparece pela en.*

E vai pra pior, ti Adrião! Vai pra pior, pelos vistos.

~~TI ADRIÃO~~

(Desalentado, abanando a cabeça.) Um ano assim!... Como êste, não me alembra outro. Olha pra fartura de cereal que se aproveitou. Num dia fica tudo moído.

ANTÔNIO

Se o vento se lembrar da gente, ti Adrião...

TI ADRIÃO

(Como acima.) Nem vento nem chuva. Que há de ser de nós!

Chico desce a esc.
(Mas CHICO - que já arrumou, em cima, o segundo saco, junto ao primeiro - desceu as escadas. Vai a aproximar-se do crivo quando, a meio-caminho, ANTÔNIO o interpela.)

ANTÔNIO

Chico vem a 2.
Olha lá, ó Chico. ~~(Este estaca; ANTÔNIO vai junto dêle.)~~ Vai então num pulo lá abaixo, à vila. O José deve estar a chegar dum instante pró outro.

TI ADRIÃO

Chico acena 1.ª cabeça que vem e sobe ao 7.º p.º e vem dar as flores.
(Ao ouvir o nome de "José" volta-se rapidamente; com curiosidade.) O José? O teu irmão?...

ANTÔNIO

Sim, o meu irmão.

TI ADRIÃO

(Num grande pasmo.) O José!... Vem aí?

ANTÔNIO (a 2)

aprox. de Adrião.
Deve estar a chegar não tarda. Se o combóio não ~~vier~~ *trouxer atraso* atrasado. E da estação à vila inda é um bom pedaço.

TI ADRIÃO (13)

(A mesma admiração.) ~~Adrião~~. (Encostando-se contra a parede.)
Pois não sabia, home. Não sabia.

ANTÔNIO - *pelo 7.º D. volta a p.º Chico.*

(Para CHICO.) Vais encontrá-lo ao caminho, percebeste? E depois sobes co'ê ele até aqui. Ele deve meter pelo atalho dos pinheiros. Era por onde vinha sempre. Via-se o rio quâsi até aqui arriba. (Com um doloroso encolher de ombros.) O rio!... Agora está sêco que faz dó.

TI ADRIÃO

(Como que para si.) Sempre a mania da água!... O José nunca foi homem da terra.

ANTÔNIO - *da uns passos na dire. de Chico.*

Anda, não te demores.

CHICO - *deve uns passos a l.*

(Tímidamente.) Mas é que as flôres... 'Tive a apanhá-las prà Maria...

ANTÔNIO - *aprox. dele.*

Não te aflijas que ninguém as tira. Vá, põe-te a andar.

(E CHICO ^{vai E.} some-se para lá da porta do moinho. Ouve-se o seu assobio morrer ao longe.
Um tempo.)

TI ADRIÃO

(Para dizer qualquer coisa.) Ora o José!... Quem havia de dizer! Há quantos anos não vinha êle cá, ó Antônio?

ANTÔNIO - *deve ao C.*

Ti Ad. aprox. de Ant.

A última foi há seis anos. Pelas vindimas. (E depois de uma breve pausa:) Inda a mãe estava que vendia saúde. (E o seu rôsto ensombrase.)

TI ADRIÃO

(Levanta-se; vai junto dêle; poisa-lhe uma mão num ombro. Há um silêncio pesado. Depois:) E agora? Não vai melhor?

ANTÔNIO

proamecê
Melhor?... (Tem um gesto de profundo desalento. E acrescenta:) Pois não vê que mandâmos chamar o José? E que êle vem *ai*?

TI ADRIÃO

Que se há de fazer? A idade... Mais de setenta anos pesam muito, Antônio... Em o caruncho começando a ~~se~~ ^{se} co'a gente... (E procurando um tom galhofeiro.) Não tarda que eu também...